

XENOFOBIZAÇÃO DA MULHER NEGRA MIGRANTE NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM EMIGRAÇÃO: A MIGRAÇÃO FEMININA HAITIANA EM SANTO DOMINGO¹

Renata de Melo Rosa*

Este artigo problematiza os vieses construtores da xenofobia que se matiza de racismo e sexismo contra as imigrantes haitianas em Santo Domingo, República Dominicana. Não percebidas como imigrantes, mas englobadas na sociedade dominicana como o estrato mais inferior da hierarquia social dominicana, as imigrantes haitianas têm sua sexualidade controlada por seus compatriotas e assumem um comportamento endogâmico. Tal visão dialoga diretamente com a própria concepção da mulher no nacionalismo haitiano: a de guardiã da nação.

Palavras-chave: Mulher; Imigração; Xenofobia

This article focuses on the xenophobia construction that infects with racism and sexism against Haitian female migrants in Santo Domingo, Dominican Republic. They are not seen as immigrants, but included in the Dominican Society as an inferior layer of the Dominican society hierarchy. Haitian female migrants have their sexuality controlled by their male compatriots and to assume a non mixed marriage behavior. This point of view dialogues directly with the concept of women in Haitian nationalism: as being the nation's guardians.

Keywords: Woman; Immigration; Xenophobia

O objetivo deste artigo é problematizar os campos de possibilidades de imigração feminina haitiana na República Dominicana, sobretudo em sua capital, Santo Domingo. Pelo fato de o Haiti ocupar a posição de país mais

¹ Agradeço especialmente a Sérgio Carrera, pela sessão de fotos.

* Pós-doutorado pelo Institute National de Administration, Gestion et Hautes Études Internationales da Universidade do Estado do Haiti (2007). Coordenadora do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília e membro do Corpo Editorial da Revista Universitas – Relações Internacionais.

pobre das Américas, as chances reais de ascensão social, especialmente dos grupos haitianos que apresentam maior fragilidade material – mulheres e crianças camponesas², estão localizadas no limite imediatamente posterior à única fronteira terrestre do país, que pode ser facilmente ultrapassada por uma viagem em um mini-ônibus que custa U\$20,00, na entrada do Hotel *Le Palace*, em Bel-Air, Porto Príncipe – Haiti, com destino à avenida 27 de *Febrero*, uma das mais movimentadas vias de Santo Domingo.

Dada a constatação de que a República Dominicana também é um país em vias de desenvolvimento, a xenofobia tende a mostrar seu viés mais agressivo, não porque os haitianos disputariam hipoteticamente as vagas com os dominicanos – isso ocorre raríssimas vezes, mas porque os haitianos entram na hierarquia dominicana como o estrato mais inferior desta sociedade, exposto a todos os tipos de violações dos direitos humanos.

A reprodução da desigualdade de gênero incide com muita ênfase no Haiti sobre que grupo preferencial irá mudar. Sem dúvida, é o masculino que cultiva inúmeros hábitos e valores que os tornam mais aptos à migração e às escolhas das rotas migratórias, enquanto as mulheres exercem um protagonismo sem igual no país, vertendo-se no principal sustentáculo da economia informal do país. Em sua grande maioria monolíngues (falantes de *kreyòl*) sem nenhum acesso a qualquer processo de escolarização, as haitianas são as que têm menos chances de imigrar e as que mais vivenciam o ciclo vicioso da pobreza e da exclusão.

A produção de conhecimento e a instauração de uma educação formal em uma língua que o povo não domina (francês) afetam diretamente o acesso das mulheres monolíngues (falantes apenas do *Kreyòl*) à educação formal, constituindo assim o grupo de maior vulnerabilidade social, pois, embora os homens também compartilhem do mesmo grau de desamparo social, conseguem migrar em percentual significativamente maior do que as mulheres; seja para a República Dominicana, para o trabalho no plantio e colheita de cana-de-açúcar ou para a construção civil, (ocupações marcadamente masculinas), porque gozam de uma rede de solidariedade também masculina muito mais consolidada nas cidades dominicanas, ao passo que as mulheres haitianas encontram muito mais dificuldade no processo migratório, pois não encontram o mesmo suporte que seus compatriotas. Isto ocorre basicamente devido à fragilidade nas redes de cooperação femininas de incentivo à imigração e na falta de ocupação feminina diferente e com melhores ganhos daquela exercida na República Dominicana.

² O Haiti é, sobretudo, um país rural, marcado por uma média de ocupação acima de 70% nas zonas rurais. Ver MURRAY, Gerald. *"Bon-Dieu e os ritos de passagem no Haiti rural: determinantes estruturais da teologia e dos rituais pós-coloniais"*. *Estudos Afro-Asiáticos*.



Foto: Sérgio Carrera – Routes de Freres – Porto Príncipe - Haiti

A rota migratória haitiana para a República Dominicana

Imigrar para a República Dominicana e, em especial para Santo Domingo, verte-se em um foco de tensões para os haitianos, tendo em vista a haitianofobia constitutiva da superestrutura dominicana. Se for certo que a sociedade urbana de Santo Domingo está, pouco a pouco, abrindo espaços para o surgimento de uma pequena elite haitiana, esta abertura está todavia condicionada às diferenças de gênero, bastante marcadas tanto na sociedade haitiana como na dominicana.

O número reduzido do grupo haitiano feminino, invisibilizado e negado na sociedade dominicana responde, em grande medida, às estratégias de reação à haitianofobia, muito distintas entre haitianos e haitianas. A imagem construída sobre a mulher haitiana no imaginário dominicano, as concebe como mulheres “atrasadas”, oriundas de um universo rural marcado por um recorte ideológico basicamente não-ocidental. O diacrítico mais utilizado para esta marcação simbólica está no modo de construção dos cabelos. Enquanto as haitianas aderem às tranças, as dominicanas, em sua quase totalidade aderem ao alisamento total dos cabelos. Esta distinção refletiria também a “escala evolutiva” que separa as dominicanas das haitianas: enquanto as primeiras estão em perfeita sintonia com a moda das afro-americanas, as últimas, por “falta de opção” ou por não saberem o que fazer com o cabelo, utilizam tranças. Em nenhum momento,

o modo de construção dos cabelos das haitianas é visto como uma opção estética ou como um modo de construção legítima do feminino.

O cabelo, por mais incrível que possa parecer aos olhos daqueles que estão do lado de fora da fronteira simbólica que separam as dominicanas das haitianas, é o principal marcador da etnicidade haitiana e, por contraste, da dominicana.



Foto: Sérgio Carrera. Foto de 29/7/2007, na capital Porto Príncipe - Haiti

A vigilância em torno da construção do corpo feminino haitiano em Santo Domingo é marcada pela forte pressão que as mulheres dominicanas observam em relação ao uso de determinadas cores de roupas, construção do cabelo, adoção ou não de pinturas faciais e exercício da sexualidade haitiana. Diacríticos nucleadores da construção do feminino, estes marcadores são sistematicamente controlados tanto pelos compatriotas haitianos como pela comunidade dominicana, especialmente pelo grupo feminino dominicano.

Os efeitos deste controle rígido sobre o corpo negro e feminino haitiano respondem pela percepção intensa e interiorização dos contextos xenofóbicos, em contraste com o universo homólogo masculino, que demonstra uma capacidade maior de superação frente a contextos desse tipo. Frequentemente, os homens haitianos ignoram situações desfavoráveis à sua etnicidade e sotaque e devolvem as ofensas morais no desfrute da sexualidade com uma dominicana. De modo diverso, a partir dos limites da liberdade sexual, as haitianas encontram-se muito mais sensíveis às

atitudes desfavoráveis contra o seu corpo. Isto faz com que prefiram interagir em seu próprio grupo, se expressarem preferencialmente em Kreyòl e se casarem com haitianos. O grupo feminino é visivelmente, muito mais endogâmico que o masculino. A percepção aguda da diferença inscrita nos seus corpos (portanto interpretada como imutável) e as dificuldades lingüísticas também fazem com que as imigrantes haitianas percebam que a integração na sociedade dominicana é uma meta muito mais difícil de alcançar do que para os homens. A tendência à endogamia é nítida, tanto por representarem um feminino negro indesejável aos olhos do masculino dominicano, como pela vigilância dos próprios haitianos imigrantes, que controlam a sexualidade das haitianas, como se fosse a da irmã, mãe ou parentes mais próximas.³

Tematizando o racismo dominicano haitianofóbico

A República Dominicana experimentou, ao longo de sua existência, diversos momentos históricos e, cada momento em particular, suscitou um estilo de discurso oficial próprio que sempre provocou resistência, especialmente através de vozes oriundas da sociedade civil organizada. Essas vozes divergentes estão pouco representadas no pensamento social que basicamente ocupou-se de construir um modelo de identidade dominicana baseado na oposição binária com o Haiti.

Na nação dominicana, a xenofobia que adquire a forma de antihaitianismo, consolida-se a partir da elaboração de uma alteridade absoluta, elementar, uma oposição binária equivalente às existentes entre homens e mulheres; negros e brancos. Sendo assim, a identidade dominicana relaciona-se com a haitiana a partir da edificação dos limites geopolíticos, raciais e nacionais. E, por constituírem alteridades totais, os haitianos acabam definindo o povo dominicano.

É possível pensar a relação entre dominicanos e haitianos a partir do modelo explicativo sugerido por Frantz Fanon⁴, partindo do princípio de que nem o branco nem o negro existem como unidades autônomas, mas como categorias criadas em um determinado contexto histórico. De acordo com Fanon, a contrastividade excessiva oculta o princípio de transitabilidade existente na construção de qualquer alteridade. Assim, dominicanos e haitianos podem ser pensados como identidades que, apesar de concebidas

³ Situações semelhantes a esta forma observadas por Pierre Bourdieu entre os Kabila, no Marrocos. A interpretação destas realidades refere-se basicamente ao binômio honra/vergonha atribuído ao masculino e ao feminino, respectivamente. Ver: BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática*. Precedido de três estudos de etnologia Kabila.

⁴ FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*.

de forma dicotômica, especialmente no pensamento social dominicano, são transitáveis. O lugar de conexão entre identidades polares pode ser visto a partir de um entre-lugar, que por não ser sedimentado, mistura e confunde os elementos fixos que estruturam essa dicotomia. De acordo com Bhabha⁵, o processo de demarcação das fronteiras e de dicotomias cria o “outro”, na medida em que reconhece a não contigüidade. Assim, é possível perceber que, se a construção da alteridade anuncia o “outro”, os conteúdos das oposições e das dicotomias não podem ser vistos como campos autônomos, mas como fenômenos inscritos em uma mesma lógica que, no limite, indicam transitabilidade. Particularmente no que se refere ao *modus vivendi* das haitianas em Santo Domingo, a reflexão deve ser guiada pelo seguinte entendimento: elas são imaginadas como alteridades tão perfeitas às dominicanas que ocultam o fato de que não só transitam, como constroem sentidos nas redes de significado do feminino dominicano.

Inoelia é filha de trabalhadores haitianos das lavouras de cana-de-açúcar e nasceu em um *Batey*, na zona de Monte Plata, província localizada ao norte de Santo Domingo. *Batey* é uma designação amplamente conhecida na República Dominicana e se refere a uma área dedicada tradicionalmente ao plantio de cana-de-açúcar. Como a maior parte da mão-de-obra recrutada para este tipo de trabalho é de origem haitiana, o *Batey* simboliza o lugar social e geográfico dos haitianos na sociedade dominicana.

A pouca presença de dominicanos nesse tipo de lavoura se deve a inúmeras razões e a mais comentada é a econômica, pois os baixos salários pagos pelo trabalho, o regime de confinamento e o volume de esforço físico requerido não estimulam a mão-de-obra nacional que prefere buscar melhores condições de vida em Santo Domingo ou no exterior, especialmente Estados Unidos, Espanha e, em menor medida, Porto Rico. De maneira sintomática, os dominicanos que fazem este tipo de trabalho dizem estar realizando *trabajo de haitiano*.

Por conseguinte, o *Batey* tornou-se, ao longo de algumas décadas, sinônimo de um território haitiano e, além de um simples local de trabalho é percebido, tanto por dominicanos quanto por haitianos, como um lugar onde são reproduzidos inúmeros costumes da cultura haitiana. O *Batey* constitui, nesse sentido, uma espécie de espaço segmentado e apresenta-se como um símbolo de referência da haitianidade na República Dominicana.

Por este motivo, Inoelia, que cresceu em um gueto haitiano, dedica sua reflexão ao nacionalismo dominicano sob forma de censura. Trata-se de uma resposta à haitianofobia vigente:

⁵ BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*.

Aquí se ha enseñado, como que por razones históricas de que entre Haití y República Dominicana hay problemas. Y siempre se ha dicho que el dominicano es superior y que República Dominicana es superior. Pero en el fondo es por el color de la piel porque aquí ha predominado más la ascendencia española. En Haití hay más personas con la piel oscura o con la piel intensamente oscura. De hecho, no hay mucha diferencia [entre los dos pueblos] pero ellos siempre se defienden, se resalta eso. Y es eso que se enseña en la escuela: de que el dominicano es superior. Se enseña que los haitianos son seres inferiores. Los profesores enseñan eso. Es muy grave.

Arreglar el Pelo

Os corpos dominicanos estão representados por construções bastante complexas. A diferença inscrita no sexo é tacitamente transposta ao gênero, fazendo com que os corpos das dominicanas e dos dominicanos apresentem uma distinção notável. Os gêneros se dividem pela exibição de símbolos considerados masculinos ou femininos, entre estes, os símbolos que serão analisados aqui estão: a construção do cabelo, do rosto e a exibição de marcas consideradas femininas ou masculinas.

Um dos aspectos importantes na construção do feminino é a construção do cabelo. *Arreglar el pelo* faz parte de toda e qualquer tarefa feminina e obedece a critérios etários. Geralmente, nas meninas entre três e nove anos, aproximadamente, são produzidos penteados de tranças, ao passo que, as adolescentes e adultas aderem ao alisamento total dos cabelos encaracolados. Alisar o cabelo é o principal rito de passagem da maior parte das meninas dominicanas na chegada da fase adulta; o principal local de realização deste ritual é o salão de beleza e em Santo Domingo existem inúmeros destes estabelecimentos cuja principal atividade é alisar e manter o alisamento.

Inúmeras são as pressões exercidas sobre aquelas que decidem ingressar na vida adulta com os cabelos encaracolados, por serem percebidas como resistentes ao único rito de passagem capaz torná-las “verdadeiras” dominicanas.

Conversava, sempre informalmente, com muitas dominicanas a respeito do formato dos cabelos. O objetivo de minhas perguntas era saber de que maneira era possível identificar/diferenciar as dominicanas das haitianas. As principais diferenças apontadas eram: o idioma distinto, a pele “que seria muito escura” e a construção do cabelo. Perguntava, então, como seria o cabelo das haitianas. Sobeida, secretária, revelou a resposta mais detalhista: *En general, ellas (as haitianas) se hacen tranzas. Es algo informal. Ellas no van al salón. A veces uno puede ver en las esquinas...*

unas haciendo tranzas en las otras. Usan el paño también. Pero el salón es para las dominicanas.

O salão de beleza é o ambiente de socialização das dominicanas (na República Dominicana e no exterior), de construção do gênero e da dominicanidade. Contudo, muitas haitianas freqüentam os salões da periferia de Santo Domingo, com a finalidade de alisar seus cabelos.

O processo de integração à sociedade dominicana, por parte de uma mulher haitiana, está condicionado ao acordo tácito de transformação dos traços considerados negros, haitianos ou atrasados (em grande parte do imaginário dominicano estas três categorias possuem o mesmo significado) para outros considerados dominicanos e modernos. A aderência ao alisamento dos cabelos, por parte das haitianas, é inspirada por diversos motivos, além da integração ao padrão dominicano. A facilidade de pentear e a valorização do rosto são os principais fatores mais apontados por parte destas mulheres. Isso não significa dizer que no Haiti o costume do alisamento dos cabelos não seja uma prática percebida como construtora e valorizadora do feminino, mas o que deve ser ressaltado aqui é o fato de que este tipo de construção estética atua, na República Dominicana, como um forte marcador da dominicanidade, do ingresso de meninas na fase adulta e do padrão estético normativo que a identidade feminina deve assumir.

Para uma haitiana ou dominico-haitiana que queira se integrar na República Dominicana é indispensável que ela aceda ao alisamento dos cabelos. Isso vale inclusive para as vozes femininas mais críticas ao modelo nacional dominicano, como a de Inoelia, mas não significa, contudo, que elas deixem de elaborar outras formas de resistência à dominicanização. A seleção das cores amarelo e vermelho como apresentação estética pode refletir este estilo de resistência, conforme seu relato:

Aunque yo supiera de todos los prejuicios no podría negarme tanto. Aquí todavía la gente se burla porque alguien habla español con acento kreyòl. Aquí se burla si la gente se peina el pelo. Entonces los haitianos son motivo de burla, en la forma de vestir... pero pese a la burla, para mí, expresarme de la manera como siempre he vivido era además de natural, una forma que yo encontré para decir no al racismo dominicano. Hubo una vez que yo fui a comprar un pantalón rojo. La persona que me atendió en la tienda no quería me dejar comprar porque es color que se supone que se ponen los haitianos, porque era un color rojo y yo soy negra. Y él me decía: No, no, no, mira el más claro, el crema. Cuando yo insistí en el color rojo él me dijo: Pero, tá bien. Pero me quería hacer saber que yo no debería ponerme lo.

O formato da identidade feminina dominicana, veiculada entre os haitianos que vivem na República Dominicana, está basicamente centrado

na sexualidade e, em contrapartida, o feminino haitiano se constitui em oposição a este imaginário. De acordo com essa visão, os elementos que fazem sentido para a composição do feminino haitiano concentram-se nos comportamentos de gênero que escapam ao exercício da sexualidade. Canções, poemas, histórias rurais e um forte imaginário social concebem a mulher haitiana como a verdadeira guardiã da nação. Este estereótipo rejeita, por conseguinte, que o útero da haitiana seja invadido por um estrangeiro. Grande parte deste ideário costura as fronteiras da endogamia para a diáspora feminina haitiana. Obviamente, é possível cruzar essa fronteira – o fato existe no nível fenomenológico, mas não existe socialmente, ou seja, os registros de união entre uma haitiana e um dominicano são pouco divulgados e contradizem tanto o imaginário dominicano como haitiano, produtores de uma verdadeira contradição de valores, ideologias nacionais e relações de gênero.

Embora a referência da mulher como guardiã do lar e da nação encontre cada vez mais contestações por parte de feministas haitianas⁶, que freqüentemente denunciam o caráter “imaginado” da produção destas imagens de pureza, devoção e submissão da mulher haitiana, essa representação é, todavia, poderosa no imaginário dos interlocutores haitianos e, em alguns casos, de mulheres dominico-haitianas entrevistadas.

De acordo com o ponto de vista dos interlocutores haitianos, a imagem da mulher dominicana como objeto sexual é pertinente no Haiti devido à existência de inúmeras prostitutas em Porto Príncipe e à quase inexistência desta prática entre as haitianas. Nesse sentido, a vulgaridade opera quase como uma segunda natureza do feminino dominicano e permite que os haitianos atravessem esse universo sem qualquer constrangimento. Em contrapartida, o feminino haitiano é pensado como puro, pois é concebido a partir da premissa de que está imune às contaminações advindas da liberdade sexual, já que enquanto protetoras da nação, as haitianas colocariam voluntariamente o sexo em segundo plano.

Endogamia: o lugar fixo da diáspora feminina haitiana

Uma das proposições mais promissoras do feminismo ou da crítica feminista e, sem dúvida, a mais difícil de ser rompida, é a liberdade sexual. As esferas do trabalho, educação e renda já contam com Programas bastante delineados e embora insuficientes, são apoiados pela maioria dos governos constituídos, reconhecidos pela Organização das Nações Unidas.

⁶ MANIGAT, Mirlande. “Los Derechos Humanos en la Constitución Haitiana de 1987”, in TEJEDA, Eddy (ed.). *El Derecho a una Vida Digna*.

A endogamia como o lugar fixo do feminino imigrante reduz sobremaneira o processo de integração das mulheres nas sociedades receptoras. Isto pode ser evidenciado pelos papéis de gênero inscritos na formação da nação que implicam prerrogativas diferentes, direitos diferenciados que, se não estão inscritos formalmente, expressam-se nos hábitos e na própria tradição.

A resposta que a nação dominicana dá às mulheres haitianas, concebidas como partes englobadas e localizadas no último estrato da hierarquia não constitui uma peculiaridade desta nação, senão a própria expressão do nacionalismo que, concomitantemente à criação das alteridades nacionais, também se nutre de alteridades existentes no interior da nação.

Sylvia Walby⁷ faz uma reflexão a respeito do lugar da mulher nos projetos nacionalistas. Para a autora, o nacionalismo é um projeto que afeta homens e mulheres de maneira diferenciada. Walby retira parte de sua argumentação das constatações de Yuval-Davis e Anthias⁸ que apontam a inserção diferenciada de homens e mulheres nos projetos nacionais e descrevem cinco formas gerais de participação das mulheres nos processos étnicos e nacionais. São elas: 1) como reprodutoras biológicas de membros de coletividades étnicas; 2) como reprodutoras das fronteiras étnicas dos grupos nacionais; 3) como partícipes centrais na reprodução ideológica da coletividade e como transmissoras de sua cultura; 4) como marcadoras das diferenças étnicas ou nacionais, como foco e símbolo usado nos discursos ideológicos na construção, reprodução e transformação de categorias étnicas ou nacionais; 5) como participantes das lutas militares, políticas, econômicas e nacionais.⁹

Walby sugere uma modificação no modo de interpretação da participação das mulheres no projeto nacional. Sua argumentação principal está baseada no “envolvimento feminino diferenciado” e sua sugestão é pensar os homens e as mulheres não como blocos homogêneos, mas subdivididos por interesses distintos e contextuais. Walby discute que mulheres e homens não partilham a mesma identidade grupal, tampouco o mesmo projeto nacional e, por essa razão, mulheres e homens “podem ter compromissos diferentes com diferentes tipos de grupos no nível macrossocial”.¹⁰

⁷ WALBY, Sylvia. “A Mulher e a Nação”, in BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um Mapa da Questão Nacional*.

⁸ ANTHIAS, Floya; YUVAL-DAVIS, Nira. *Racialized Boundaries: race, nation, gender, colour and class and the anti-racist struggle*.

⁹ *Ibidem*, p. 115.

A discussão entabulada por Walby nos remete à reflexão acerca das diversas teorias feministas, cujo foco de análise consiste em demonstrar a impossibilidade de abordagem de conceitos abrangentes como classe, Estado e nação sem que se leve em consideração as diferenças de gênero. Pensar a mulher como a guardiã da nação é algo recorrente nos diversos tipos de nacionalismos. Geralmente, associa-se à função reprodutora e ao útero os elementos que irão reproduzir pessoas e, conseqüentemente, valores de um determinado ideário nacional ou étnico.

Walby também compreende que os projetos nacionais são, simultaneamente, projetos sexuais. A autora entende que os projetos nacionais das mulheres não são idênticos aos dos homens e que pode haver um entendimento de gênero diferenciado a respeito da definição das fronteiras. Ademais, os interesses femininos e masculinos devem ser contextualizados, pois se modificam ao longo do tempo. Como existe uma disputa entre os vários grupos de poder para a definição do projeto nacional e dos interesses a serem privilegiados, é provável que, pelo fato de as mulheres estarem à margem do poder, suas vozes sejam menos ouvidas que a dos homens. Dessa forma, os papéis de gênero são importantes para a própria definição do projeto nacional. Nessa mesma esteira de pensamento, Walby coloca que “o sexo, a etnia e a classe têm relações diferentes com a nação”.¹¹ Isso indica que no jogo de forças de conceituação do projeto nacional, determinados grupos podem não se identificar com o tipo de projeto nacional estabelecido desde o topo do poder. Dessa forma, a relação dinâmica entre o gênero, a raça e o Estado condicionam o tipo de projeto nacional adotado por cada nação.

O reconhecimento dos “envolvimentos diferenciados”, de acordo com o gênero frente à nação, ao nacionalismo e à xenofobia, envolve também a discussão acerca dos direitos diferenciados de homens e mulheres, dos acessos diferenciados à cidadania e da maneira diferenciada que os gêneros são percebidos face à idéia de liberdade sexual. Nesse sentido, é possível perceber que a endogamia das mulheres imigrantes esteja no cerne da formação do nacionalismo moderno.

De maneira análoga às observações de Mauss a respeito do lugar da mulher nas sociedades da Polinésia¹², nas quais, as mulheres possuíam o mesmo *status* dos estrangeiros, Studer coloca que o lugar da mulher dentro da nação pode ser pensado de forma análoga, pois tal como o estrangeiro, a mulher está inscrita na nação com uma série de condicionalidades e, dessa forma, são representadas pelo que Studer chamou de “nacionalidades instáveis”.

¹⁰ WALBY, Silvia, *op. cit.*, p. 257.

¹¹ *Ibidem*, p. 264.

*Women, too, were part of the Swiss nation, but in contrast to male citizens their membership was a contingent one. If they married a foreigner, they were assumed to have taken up a position outside the community of national solidarity. Gender acted as a marker in the process of setting internal boundaries between 'self' and 'other' that was initiated in Switzerland by the First World War. It provided a symbolic boundary between a nationality that was stable and permanent, thus grounded in loyalty, and one that was inherently unstable. The resultant norm had tangible effects on the agency and actions of citizens, depending on their gender.*¹³

As reflexões de Studer indicam como a nacionalidade pode ser retirada da mulher, posto que a permanência da mulher na nação depende de um código determinado de conduta que, por ser um valor dominante, é também invisibilizado. Somente quando uma mulher tenta ir contra o que Durkheim chamou de “corrente social”¹⁴ é que se torna evidente o caráter obrigatório da endogamia. Isso implica concluir que a endogamia constitui obrigação e condição de manutenção da nacionalidade. É possível observar, dessa forma, que o foco de motivação que conduz o rechaço à exogamia está no próprio policiamento da sexualidade das imigrantes, tanto por parte de seus compatriotas masculinos como pela comunidade receptora, dado que a condição de acesso à nacionalidade é subordinada à obediência de certas normas específicas de conduta.

Retomando o objeto de análise deste artigo, é possível inferir que as haitianas residentes em Santo Domingo constituem um grupo orientado sexualmente exclusivamente aos haitianos. Tanto pelo forte contraste que os próprios haitianos concebem o masculino dominicano do haitiano como pelo rechaço do masculino dominicano ao feminino haitiano, as haitianas exercem muito pouco sua sexualidade com dominicanos. As relações amorosas entre haitianas e dominicanos são totalmente invisibilizadas e negadas no contexto dominicano, embora as relações amorosas entre

¹² Refiro-me ao texto “A Expressão Obrigatória dos Sentimentos”, no qual, Mauss (1979) assinala a divisão sexual existente no exercício das funções rituais funerárias australianas. De acordo com a nota 11, presente neste texto, Mauss descreve que “a mulher é um ser *minoris resistentiae*, encarregada, assim como os estrangeiros, dos ritos dolorosos (Cf. DURKHEIM, Émile. *Formes élémentaires*, p. 572); aliás, ela mesma costuma ser estrangeira, é humilhada com os vexames que outrora o grupo infligia a todos os seus membros”, p. 151.

¹³ STUDER, Brigitte, *op. cit.*, p. 646-7.

¹⁴ Apesar da definição de fato social ser suficientemente conhecida do público leitor de ciências sociais, vale a pena rememorar o que Durkheim observa: “Esses tipos de conduta ou de pensamento não são apenas exteriores ao indivíduo, são também dotados de um poder de imperativo e coercitivo, em virtude do qual se lhe impõem, quer queira, quer não. Não há dúvida de que esta coerção não se faz sentir, ou é muito pouco sentida quando com ela me conformo de bom grado (...) mas não deixa de constituir caráter intrínseco de tais fatos, e a prova é que se afirma desde que tento resistir”, in *As Regras do Método Sociológico*, São Paulo: Martins, 1975, p. 2.

haitianos e dominicanas também sejam vistas de forma altamente negativa e jocosa, elas conseguem adquirir alguma visibilidade. Vejamos então que nossa reflexão ampara-se nas seguintes premissas: os haitianos, como um todo monolítico, são percebidos no contexto dominicano como seres inferiores que poluem o cenário do país trazendo miséria, cultura atrasada e muitos problemas de ordem social. Essa visão persiste em todas as relações entabuladas entre dominicanos e haitianos imigrantes. A partir de um olhar recortado por gênero, podemos perceber que os imigrantes haitianos acumulam algumas vantagens comparativas, por assim dizer, em relação às imigrantes haitianas devido à liberdade sexual, muito mais visibilizada e propagandeada do que a do grupo feminino. Embora, em termos quantitativos, a diferença possa ser mínima (ainda não há pesquisas conhecidas a esse respeito), a tematização da liberdade sexual passível de ser exercida com dominicanos/as é concebida quase que exclusivamente a partir e para o masculino haitiano. Mesmo entre as trabalhadoras sexuais, é com muita dificuldade que podemos localizar as haitianas, que são apontadas pelas colegas dominicanas como exceção. Estes dados nos fazem refletir que as haitianas imigrantes sofrem muito mais pressão social que todos os outros grupos imigrantes da República Dominicana. Sua liberdade sexual é vigiada pelos compatriotas haitianos, que as vêem como guardiãs absolutas da nação e, embora com muito menos apelo sexual que as dominicanas, constituem parceiras ideais para o casamento com um haitiano.

A separação entre o mundo da casa e o da rua está, de maneira geral, bastante consolidada para o masculino haitiano. De modo curioso ou por esta mesma razão, pelo fato de os haitianos exercerem a dominação masculina de forma inquestionável no mundo público haitiano, parece haver uma projeção de que todas as haitianas representam a pureza, a submissão e a potencialidade para o exercício das tarefas domésticas. Quando imigram para a República Dominicana, ocorre quase uma correlação natural referente à projeção simbólica de as haitianas só podem ser tocadas pelos próprios haitianos, não por imposição, mas por vontade própria e, conseqüentemente, esperariam pacientemente por um haitiano. A vivência desta dualidade para o masculino haitiano pode fazer com que ele experimente a imigração de modo bastante intenso, dividindo lares dominicanos e haitianos¹⁵, ao passo que a experiência da imigração por parte das haitianas não passa pelo exercício da sexualidade com dominicanos, salvo raríssimas exceções.¹⁶ É importante ressaltar que o feminino haitiano é alvo de forte rejeição tanto por parte do feminino quanto do masculino dominicano. Portanto, esse conjunto de fatores faz com que as haitianas construam suas experiências migratórias a partir de um isolamento sem igual.

Conclusão

Os estudos sobre as imigrantes ainda precisam de um incremento maior em investigação e análise profunda da subjetividade feminina. Se os estudos apontam que as haitianas imigrantes usufruem muito pouco de liberdade sexual e este é o ponto nodal da emancipação feminina, a descoberta do mundo complexo das mulheres também deve responder a esta evocação: mulheres migrantes precisam ser olhadas em suas múltiplas dimensões, já que todas estão em íntima relação.

A dificuldade de integração das haitianas na sociedade dominicana passa, sem dúvida, pela proibição simbólica aos acessos mais íntimos dessa sociedade. Essa dificuldade de integração não é observada pelo universo masculino que atravessa com bastante liberdade os limites do feminino e do masculino.

Bibliografia

- ANTHIAS, Floya; YUVAL-DAVIS, Nira. *Racialized Boundaries: race, nation, gender, colour and class and the anti-racist struggle*. Londres, Nova York: Routledge, 1992.
- CAMBEIRA, Alan Belén. "Historical and Cultural Connections: La République d'Haiti and La República Dominicana". *The Dominican Republic in Historical and Cultural Perspective*. New York: M. E. Sharpe Publishers, 1997.
- ENLOE, Cynthia. "Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of International Politics", in YUVAL-DAVIS, Nira; ANTHIAS, Floya (orgs.). *Woman-Nation-State*. Londres: Routledge, 1989.
- FANON, Frantz. *Peau Noire, Masques Blancs*. Paris: Editions du Seuil, 1952; *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- GUILLAUMIN, Colette. *Racism, Sexism, Power and Ideology*. Londres: Routledge, 1995.
- HOBSBAWN, Eric. *Nações e Nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. "Etnia e Nacionalismo na Europa de Hoje", in BALAKRISHNAN, Gopal

¹⁵ Este é particularmente os casos que entrevistei de haitianos que, casados com dominicanos, mantinham paralelamente um outro lar com uma haitiana.

¹⁶ Em alguns Bateys (grandes fazendas de plantio de açúcar em que grande parte dos imigrantes haitianos se dirige e onde residem pouquíssimos dominicanos), é possível localizar esta experiência.

- (org.). *Um Mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- HOETINK, Harry. *Santo Domingo y el Caribe: Ensayos sobre Historia y Sociedad*. Santo Domingo: Fundación Cultural Dominicana, 1994.
- _____. *Caribbean Race Relations: A Study of Two Variants*. London: Oxford University Press, 1967.
- MARRERO ARISTY, Ramón. *República Dominicana: origen y destino del pueblo cristiano más antiguo de la América*. Ciudad Trujillo: Ed. Del Caribe, 1957.
- MAUSS, Marcel. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1979.
- MURRAY, Gerald F. "Bon-Dieu e os ritos de passagem no Haiti rural: determinantes estruturais da teologia e dos rituais pós-coloniais". *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 19, 1990.
- RAMIREZ, Nelson. *Las Migraciones Internas en República Dominicana*. Santo Domingo: Ed. IEPD, 1993.
- _____; INOA, Orlando; ANTONIN, Arnold (ed.). *La República Dominicana y Haití frente al futuro*. Santo Domingo: Ediciones FLACSO-Programa República Dominicana, 1998.
- _____; SEGURA, Carlos; DORE CABRAL, Carlos (ed.). *La Nueva Inmigración Haitiana*, Santo Domingo: Ediciones FLACSO – Programa República Dominicana, 2002.
- STUDER, Brigitte. "Citizenship as Contingent National Belonging: Married Women and Foreigners in Twentieth-Century Switzerland". *Gender & History*, v. 13 n. 3, novembro 2001, p. 622-654.
- WALBY, Sylvia. "A Mulher e a Nação", in BALAKRISHNAN, Gopal (org.) *Um Mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

